

Artigo recebido em:

04.12.2016

Aprovado em:

08.01.2017

**Beatriz Becker**

Jornalista e Professora  
Associada do PPGCOM/  
ECO-UFRJ. Bolsista  
de Produtividade em  
Pesquisa do CNPq. Líder  
do Grupo de Pesquisa  
Mídia, Jornalismo  
Audiovisual e Educação.  
Atualmente, é coordena-  
dora do GT Estudos de  
Jornalismo da COMPÓS.  
E-mail: beatrizbecker@  
uol.com.br.

**Igor Waltz**

Doutorando do PPG-  
COM-UFRJ, Bolsista CA-  
PES. E-mail: igor.waltz2@  
gmail.com.

**Rafael Pereira da Silva**

Doutorando do PPG-  
COM-UFRJ, Bolsista CA-  
PES. E-mail: domrafasil@  
gmail.com.

**Giovanni Codeça**

Doutorando do Progra-  
ma de Pós-Graduação  
em Letras Neolatinas  
da UFRJ e professor da  
rede Estadual de ensi-  
no do Rio de Janeiro,  
Bolsista CAPES. E-mail:  
codecasilva@gmail.com.

# Protagonismo juvenil em áudio e vídeo: o movimento Ocupa nas telas do computador e da tevé<sup>1</sup>

Beatriz Becker

Igor Waltz

Rafael Pereira da Silva

Giovanni Codeça

## Resumo

Amparado pelas dimensões teórico-metodológicas da Análise Televisual e de Mídia e Educação, este trabalho reflete sobre a participação estudantil na produção informativa audiovisual a respeito do cenário educacional do Rio de Janeiro, focalizando o protagonismo dos alunos da Escola Estadual Prefeito Mendes de Moraes no movimento Ocupa. A partir de um estudo comparativo de conteúdos e formatos audiovisuais publicados no canal do *YouTube* criado pelos estudantes e de reportagens de telejornais locais disponibilizadas no *GloboPlay* sobre a ocupação, este artigo discute como esse acontecimento foi construído no ambiente midiático e identifica tendências atuais de enunciação de narrativas jornalísticas audiovisuais decorrentes da hibridização de linguagens e formatos nas telas do computador e da televisão.

## Palavra-chave:

protagonismo juvenil; movimento Ocupa; narrativas jornalísticas audiovisuais.

## Abstract

Supported by the theoretical-methodological dimensions of Televisual Analysis and Media and Education, this work reflects on the student participation in informative audiovisual production regarding the educational scenario in Rio de Janeiro and focusing on the protagonism of the students of the Escola Estadual Prefeito Mendes de Moraes in the Occupy Movement. Based on a comparative study of audiovisual formats and contents created by students published on the YouTube channel and on local news reports available at GloboPlay about the occupation, this article discusses how this event was built in the media environment and the current trends of enunciation of the audiovisual journalistic narratives arising from the hybridization of languages and formats on the computer and television screens.

## Keywords:

Investigative journalism; policy agenda; asbestos.

<sup>1</sup> Trabalho atualizado  
apresentado no 14º Encontro  
Nacional dos Pesquisadores  
em Jornalismo promovido pela  
SBPJor em Palhoça, SC, em  
novembro de 2016.

**A** emergência de informações em diferentes telas e dispositivos e os usos das tecnologias digitais no cotidiano têm provocado mudanças significativas nas interações sociais, em processos de aprendizagem e nos modos de contar e de se informar sobre experiências do cotidiano. As maneiras como os jovens e as crianças utilizam as mídias abrem novas formas de expressão, de inserções socioculturais, de socialização e de intervenção na história. Segundo pesquisadores de Mídia e Educação, a habilidade de produção de conteúdos em áudio e vídeo pelos estudantes, a leitura crítica dos textos midiáticos e um engajamento consciente no ambiente digital contribuem para o exercício da cidadania em práticas formais e informais de educação na sociedade multitelas por ampliar os espaços do ver, do agir e do viver social. A incorporação de tecnologias digitais dentro e fora de sala de aula ainda colabora para a realização de experiências narrativas em linguagens distintas que possibilitam a construção de discursos mais plurais, bem como para reduzir as restrições de acesso à informação e à comunicação, contribuindo para a democratização do saber e para uma sociedade mais participativa baseada na valorização das diversidades culturais e identitárias (BECKER, 2016; LIVINGSTONE, 2009; RIVOLTELLA, 2008; FANTIN, 2008; BELLONI, 2005).

De fato, as imagens amadoras têm conquistado centralidade nas práticas audiovisuais e culturais e manifestado subjetivações inseparáveis da visualidade e da visibilidade. Essas imagens “domésticas” não seguem exatamente uma narrativa representativa do acontecimento, mas manifestam um regime performativo de experiências de ser e viver que clama pela inclusão social e afetiva em suas mediações. As trajetórias dessas imagens e de seus criadores se configuram como espaços de deslocamento e de ressignificação de experiências individuais e coletivas por meio do trabalho audiovisual em busca do desejo do reconhecimento do outro (FELDMAN, 2013). A de-

manda desse acolhimento está ligada à construção da identidade e a sua ausência pode promover tanto o ódio quanto a vitimação. Assim, a oportunidade de interagir de maneira coletiva com a lógica de pensamento e de valores alheios talvez seja a única maneira de esvaziar o sentido de ameaça que o Outro carrega, dissolvendo formas de opressão que aprisionam alguém em um modo de ser distorcido e reduzido, favorecendo a inclusão social e condições de vida menos desiguais (TAYLOR, 1994). Mas nem sempre os princípios da objetividade e da imparcialidade que ancoram o Jornalismo impedem julgamentos, distorções e exageros. As coberturas jornalísticas de assuntos controversos, emocionais e sensíveis tendem a causar mais preconceitos do que esclarecimentos devido à ausência de contextualização dos acontecimentos e de transparência dos critérios de noticiabilidade. Porém, o Jornalismo não deixa de contribuir para entendimentos possíveis dos acontecimentos, fomentando o esclarecimento dos fatos e o debate público num momento em que os meios digitais engendram novas formas de ver, escutar e ler. As apropriações de dispositivos digitais possibilitam maior poder de voz aos usuários da rede, na chamada “cultura da participação” (SHIRKY, 2011), acelerando o compartilhamento de conhecimentos, mesmo que a maior parte dos fluxos comunicacionais ainda seja produzida pelas corporações de mídia e que grandes segmentos da sociedade brasileira até hoje não disponham de acesso à Internet. A produção das “mídias distribuídas” (Malini; Antoun, 2013) encontra seu poder na proximidade entre produtores e consumidores, ancorando valor afetivo à sua confiabilidade como fonte de informação. Hoje, a intervenção das audiências não se dá apenas pela ressignificação dos conteúdos no momento da recepção, mas também no momento da produção, fazendo-a circular em novos nichos midiáticos (BECKER; MACHADO, 2014).

Este artigo propõe uma leitura crítica de tensões discursivas estabelecidas nos textos telejornalísticos e nos vídeos

de estudantes que se engajam na produção de informações de caráter noticioso. Amparados nas dimensões teóricas e metodológicas da Mídia e Educação e da Análise Televisual (BECKER, 2016; 2012), este trabalho consiste em uma análise dos conteúdos e formatos audiovisuais produzidos por estudantes do Ensino Médio que ocuparam escolas do estado do Rio de Janeiro interessados em dar visibilidade às suas reivindicações referentes à ausência da qualidade do ensino na rede pública estadual. Para compreender as maneiras como esses alunos utilizam as mídias e atribuem sentidos ao movimento Ocupa, realizou-se um estudo dos vídeos publicados pelos alunos do Colégio Estadual Prefeito Mendes de Moraes<sup>2</sup>, disponíveis no canal que eles criaram no *YouTube*. Escolheu-se refletir sobre o material produzido pelos alunos dessa escola instalada no bairro da Freguesia, na Ilha do Governador, Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, porque foi a primeira instituição de ensino do estado a ingressar no Ocupa. Inferiu-se sobre a relevância do protagonismo juvenil na construção de conteúdo e formatos em áudio e vídeo informativos do #OcupaMendes, extraindo pistas e fragmentos de formas emergentes de mediação, fruto da reorganização da experiência social dos estudantes, a partir de seus usos de aparatos eletrônicos. Decidiu-se analisar também reportagens disponíveis no *GloboPlay* sobre o movimento de ocupação para identificar aproximações e distanciamentos nos modos que a linguagem audiovisual é usada tanto pelos estudantes, como formas de expressão de suas aspirações e reivindicações políticas, quanto nos telejornais, observando como a televisão constrói o movimento, qualifica os atores sociais nele envolvidos, legitima ou não suas identidades e confere relevância ao Ocupa. Adotaram-se as categorias e princípios de enunciação da análise televisual<sup>3</sup> (BECKER, 2012) por permitirem entender os modos como os códigos audiovisuais são combinados na atribuição de sentidos a este acontecimento, em um estudo comparativo dos conteúdos e formatos em áudio e vídeo

do canal “Ocupa Mendes” e da cobertura dos telejornais locais *Bom Dia Rio*, *RJTV* 1ª e 2ª edição, disponíveis no *YouTube* e no *GloboPlay*. A partir desta análise, procurou-se identificar potencialidades e desafios do jornalismo audiovisual como forma de conhecimento na atualidade.

### Contextualizações

A Unesco faz recomendações contundentes sobre o relevante lugar da educação na agenda global de desenvolvimento sustentável; afirma que os jovens são uma força motriz para promover valores subjacentes à cidadania global e para colocar essa agenda em prática; e sugere ainda que eles devem ser reconhecidos e apoiados não apenas como alunos, mas também como educadores e líderes (Unesco, 2015a; 2015b). Assim, justifica a necessidade de estímulo e apoio ao engajamento e à participação de jovens para que este envolvimento não seja apenas simbólico, uma vez que eles não são “futuros cidadãos”, mas cidadãos ativos no momento atual<sup>4</sup>. A Unicef também defende o avanço no direito de todas as crianças, priorizando a saúde, a proteção contra a violência, a redução da pobreza e da exclusão social e a educação de qualidade (UNICEF apud IBGE, 2013). Porém, segundo o IBGE (2013), há diferentes critérios referentes à definição da idade de crianças, adolescentes e jovens estabelecidos pela Convenção das Nações Unidas, pelo Estatuto da Criança e do Adolescente e pelo Estatuto da Juventude<sup>5</sup>. Ao considerar o limite etário estabelecido pelo Estatuto da Juventude, observa-se que crianças e jovens de até 29 anos de idade correspondem a 47,7% da população brasileira total, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2012. Na análise de dados sobre educação, o IBGE busca utilizar os limites etários relacionados aos níveis de escolaridade, apontando que o ensino médio reúne pessoas de 15 a 17 anos de idade. E é justamente aos modos de jovens desta faixa etária utilizarem as tecnologias digitais em busca de visibilidade de seus direitos nas escolas públicas que se faz referência neste trabalho, foca-

<sup>2</sup> No Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) de 2014, o Mendes de Moraes ocupou a 807ª posição no ranking do estado do Rio, em um universo de 1,3 mil escolas participantes, com média de 505,38 pontos nas provas objetivas e 524,15 pontos na redação.

<sup>3</sup> Esta metodologia é formada por três etapas: a contextualização do objeto de estudo, a análise televisual e a interpretação dos resultados. A análise televisual é formada por uma análise quantitativa, na qual são aplicadas as categorias “Estrutura Narrativa”, “Edição”, “Temáticas”, “Enunciadores”, “Som” e “Visualidade”, bem como por uma análise qualitativa, na qual são aplicados três princípios de enunciação: “Fragmentação”, “Dramatização” e “Definição de Identidade e Valores” (BECKER, 2012).

<sup>4</sup> *Idem*

<sup>5</sup> Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv66777.pdf>>. Acesso em 15 de julho de 2016.

lizando o movimento Ocupa no estado do Rio de Janeiro.

Contudo, o relevante conceito de protagonismo para esta análise também carece de definições precisas. O relatório “Educação: Um Tesouro a Descobrir”, liderado por Jacques Delors em 1990, estabeleceu postulados para a condução da educação no século XXI marcados por três principais deslocamentos: da comunidade local à sociedade mundial; da coesão social à participação democrática; e do crescimento econômico ao desenvolvimento humano. O relatório também sistematizou quatro pilares a serem contemplados a partir do aprender: conhecer, fazer, conviver e ser, bem como o princípio de que a educação deve ocorrer por toda a vida e ser um ato contínuo, o que implica ampliar a educação do ensino básico ao superior, ressignificar o ofício do professor, integrar ações políticas às opções educativas e educar cooperativamente por todo planeta. Costa (2000) amplia a visão de “jovem” do relatório Delors atribuindo a ele uma posição de protagonista em relação à sua própria vida, a partir da compreensão do significado da expressão “protagonismo” baseada na origem grega da palavra, composta pelos radicais *proto*, que significa primeiro, e *agon*, que corresponde à luta. Entretanto, para Costa (2000), bem como para distintas instituições e empresas, o jovem deve se adaptar à ordem econômica global. Mas outros pesquisadores, como Mészáros (2005), sinalizam que só é possível pensar no protagonismo juvenil a partir de uma compreensão da educação como uma ação de transformação social emancipadora capaz de despertar uma “contraconsciência”, por meio do exercício da cidadania. Sob essa perspectiva, refletiu-se sobre a relação dos estudantes com as mídias e a produção de informações, a partir de suas experiências no movimento de ocupação e desocupação nas Escolas Estaduais, bem como seus usos no processo de pautar e circular informações sobre a qualidade da educação no estado do Rio de Janeiro.

<sup>6</sup> Disponível em: <[http://seperj.org.br/ver\\_noticia.php?cod\\_noticia=7009](http://seperj.org.br/ver_noticia.php?cod_noticia=7009)>. Acesso 18 de julho de 2016.

Os movimentos de ocupação e desocupação, iniciados em 21 e 22 de

março de 2016, respectivamente, tinham duas pautas comuns: eles se opunham à precarização da educação e apoiavam a greve dos professores. Mas cada uma das escolas ocupadas possuía reivindicações próprias elaboradas a partir de suas condições socioambientais. Não se pode pensar o movimento Ocupa das escolas públicas do estado do Rio sem compreender suas inspirações e relações com movimentos similares em São Paulo e Goiás, com as Jornadas de Junho de 2013 por todo o Brasil, as manifestações ocorridas na Primavera Árabe em 2011 e outras mobilizações políticas em diversos países mediante usos de mídias sociais. No Brasil e no mundo juventudes de diferentes realidades socioeconômicas e culturais passaram a questionar suas formas de participação na vida social, as instituições e os meios de comunicação, muitas vezes acusados de manipularem a informação. A mobilização dos estudantes do Ensino Médio passa a ser chamada pela União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES), e pelos meios de comunicação como “Primavera Secundarista”.

No Rio de Janeiro, o cenário de perturbação sociopolítica e econômica vivida em 2016, nos meses que antecederam à realização da Olimpíada, teve ramificações em diversos setores sociais, sendo a Educação um dos mais ruidosos. Desde fevereiro, professores da rede pública fluminense cruzaram os braços em greve por reposição de perdas salariais, reivindicação negligenciada pelo Palácio Guanabara. Nesse contexto, os alunos se insurgiram para expor as carências da educação pública do Rio e apoiar a paralisação de professores. O ápice do movimento reuniu mais de 70 escolas ocupadas. Mas não houve um consenso entre o Sindicato Estadual dos Profissionais de Educação do Rio de Janeiro (Sepe), a Assembleia Nacional de Estudantes Livre (ANEL-RJ) e a Secretaria Estadual de Educação (Seeduc-RJ) sobre o número preciso de escolas que participaram desta mobilização. O Sepe informou que 73 escolas tiveram as suas atividades paralisadas<sup>6</sup>, a ANEL-RJ registrou 76 escolas

e a Seeduc-RJ 67 instituições, totalizando 6% das escolas do estado do Rio de Janeiro. Em um primeiro momento esse número pode não parecer representativo, considerando que o estado reúne 1.218 escolas e as que foram ocupadas deixaram 70 mil jovens sem aula<sup>7</sup>. Nem todas as escolas apoiavam o Ocupa, em algumas delas um movimento contrário à ocupação, nomeado Desocupa, reivindicava o retorno às aulas alegando prejuízos causados pela paralisação e a proximidade de realização de provas como o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem).

O movimento Ocupa teve início quando um grupo de cerca de 200 pessoas, entre alunos, ex-alunos e integrantes de movimentos sociais ocuparam as dependências do Colégio Mendes de Moraes, que já se encontrava sem atividades desde o dia 02 do mesmo mês por conta da paralisação de professores. O movimento #OcupaMendes reivindicou melhorias na qualidade do ensino e a retomada das negociações salariais com o sindicato dos professores, além de melhorias na infraestrutura da escola, recontração de porteiros e inspetores demitidos por corte de gastos e maior democratização e abertura no processo de gestão escolar. Os estudantes se mobilizaram em debates sobre temas sociais, organizaram pré-vestibulares comunitários e se revezaram na limpeza e em pequenos consertos das instalações escolares. A Seeduc-RJ tentou agir rapidamente para a saída dos ocupantes e a retomada das atividades, via negociação direta e ação judicial, ambas sem sucesso. A ocupação desencadeou uma série de iniciativas semelhantes em outras escolas do estado.

Um dos pontos de maior destaque dentro do movimento foi o uso de mídias digitais pelos jovens para expor o cotidiano das ocupações e disseminar suas reivindicações, como a não distribuição de livros escolares e constrangimentos da direção à organização política estudantil. Por outro lado, houve também nas redes sociais a consolidação do movimento contrário aos gru-

pos de ocupação. Estudantes que não concordaram com as medidas tomadas pelos colegas se mobilizaram nessas redes por meio da página “Desocupa Já”. Em 10 de maio de 2016, um confronto entre alunos pró e contra o movimento deixou vários feridos e interrompeu a ocupação da escola Mendes de Moraes, retomada no dia seguinte. No dia 16 de maio de 2016, um novo enfrentamento, dessa vez envolvendo alunos, professores e o chefe de gabinete da Seeduc, culminou na exoneração do secretário de educação do estado, Antônio Neto. No dia seguinte, as principais demandas dos integrantes do movimento - a eleição direta para escolha do diretor e o fim do Saerj (Sistema de Avaliação da Educação do Estado do Rio de Janeiro) - foram atendidas nas negociações dos estudantes com a Seeduc e a Defensoria Pública, e a ocupação do colégio foi encerrada após 57 dias. Apesar do fim do movimento #OcupaMendes, o seu canal no *YouTube* permaneceu ativo. No mesmo dia da desocupação do colégio, alunos e professores de diferentes unidades escolares tomaram a sede da Diretoria Regional Metropolitana III da Seeduc, localizada em Engenho de Dentro, Zona Norte da capital. A ação foi registrada pelo “Ocupa Mendes” e pela mídia fluminense, especialmente após a ação violenta do Batalhão de Choque da Polícia Militar no dia 21 de maio de 2016.

### **Reivindicações políticas em áudio e vídeo**

O “Ocupa Mendes”, canal oficial da ocupação do Colégio Estadual Prefeito Mendes de Moraes na plataforma de vídeos *YouTube*<sup>8</sup>, foi criado no dia 8 de abril de 2016, cerca de três semanas após a deflagração do movimento. Até a data de 30 de junho, três meses após a ocupação, a página contava com 21 vídeos, com durações que variam de 45 segundos a 7 minutos, 91 inscritos e 3,8 mil visualizações, que correspondiam a um alcance limitado em comparação a outros canais no *YouTube*, mas bastante significativo para fazer circular as demandas e

<sup>7</sup> A Seeduc-RJ abriga escolas distribuídas por 14 regionais em acordo com a divisão geográfica do estado. Porém, sete destas regionais concentram 645 escolas na região metropolitana do Rio.

<sup>8</sup> Disponível em: <[https://www.youtube.com/channel/UCu5hZ\\_kxVjUBaC9rl58r-rQ](https://www.youtube.com/channel/UCu5hZ_kxVjUBaC9rl58r-rQ)>. Acesso em: 18 de julho de 2016

propostas dos estudantes. Metade desses vídeos foi produzida e veiculada após a saída dos estudantes das instalações do colégio, o que denota a continuidade do movimento por melhorias no ensino. Os vídeos são de curta duração e sem narração em *off*, mas empregam trilha sonora ou som ambiente. Os primeiros conteúdos postados se caracterizam por sequências de imagens de passeatas e assembleias de alunos e professores ou por gravações formadas por um mesmo plano que enquadra o palco, onde alunos recitam poesias, apresentam números de dança e proclamam suas pautas. Após um mês de atividade do canal, os vídeos passam a demonstrar uma estrutura mais sofisticada e variada. Há denúncias “não editadas” com a estética “câmera tremida na mão”, consagrada na cobertura dos protestos de 2013 pelos *Mídia NINJA*; formatos similares às reportagem de televisão, onde o “aluno-repórter” se posiciona em primeiro plano para mostrar o ambiente e destacar uma determinada situação no referido contexto; e até um curta de ficção encenado pelos próprios alunos intitulado “Walking Mendes”. Um dos vídeos que mais se destaca é “Um pouco da rotina dos estudantes”, de 11 de maio de 2016. Após imagens do nascer do sol na Ilha do Governador e da janela de um ônibus, em uma familiaridade com os recursos de passagem de tempo da teledramaturgia, acompanha-se um dia da ocupação no Colégio Mendes de Moraes sob a perspectiva de um aluno. As imagens envolvem o espectador, que se sente participando de atividades corriqueiras como irrigação das plantas e tratamento da piscina, o que indica um cuidado do corpo estudantil com a unidade escolar. Apesar de a temática geral dos vídeos girar em torno das demandas dos alunos e do apoio aos professores, ao longo da série também são abordadas as represálias sofridas pelos estudantes, como um ataque com bombas à sede da escola durante a noite; uma recreativa “caça aos ovos” durante a noite de Páscoa; além da cobertura de uma série de protestos, indicando a aproximação do #OcupaMendes com outros movimentos

sociais e pautas em circulação no debate sobre problemas da região e da educação no estado do Rio. Os enunciadores que compõem a narrativa são os estudantes, com raras exceções, como nas filmagens dos bastidores da entrevista concedida pelos alunos ao programa de rádio “Encontro com a Justiça”, apresentado pelo Desembargador Siro Darlan e gravado na sede do Tribunal de Justiça do Rio, e a entrega das medalhas por professores aos alunos após o fim da ocupação. Contudo, em nenhum momento esses personagens interpelam diretamente a câmera ou são convidados a falar, e sempre são apresentados por meio da ótica dos alunos. Fica evidente, portanto, que os estudantes do movimento ocupam a centralidade da cena e não abrem um canal de diálogo explícito nem mesmo a atores sociais que os apoiam ou são apoiados por eles. Em relação às instâncias cênico-visuais, há uma diversidade de estratégias empregadas nos textos. À exceção do auditório do colégio, ambiente no qual se desenrola parte expressiva das ações do movimento, as salas de aula e o pátio são pouco focalizados. Os estudantes privilegiam imagens de corredores, da cozinha, do almoxarifado e a fachada da escola, bem como imagens de alunos com mãos cerradas para o alto em passeatas, as quais enfatizam uma ideia de “luta”. Quando falam diretamente à câmera, os alunos posicionam-se em primeiro plano, deixando expor um cenário com enquadramentos em planos abertos e médios, semelhantes aos das reportagens de televisão. A sonoridade dos vídeos do Ocupa Mendes é formada pelo som ambiente, quando os integrantes do movimento falam à câmera ou discursam em assembleias; trilhas sonoras, compostas por músicas estrangeiras com batida rápida e cadenciada, transmitem a ideia de um movimento social dinâmico, o que é acentuado por uma edição rápida, com *takes* curtos, semelhantes à estética dos videoclipes. Há também vídeos “sem edição”, produzidos com um único movimento de câmera, dedicados às apresentações musicais e de poesias, mas que também conferem velocidade e

tensão a essas narrativas.

Ao aplicar-se o primeiro princípio da análise qualitativa, o da Fragmentação, verificou-se que as atualizações do canal são apresentadas em um *feed* para os assinantes e competem pela atenção com outros vídeos. Nota-se ainda que a produção do canal segue uma linha editorial, mas não há uma preocupação direta em contextualizar o leitor em cada um das unidades textuais. A dramatização da narrativa no Ocupa Mendes é acentuada pelo uso de recursos audiovisuais na construção dos conteúdos, como o emprego da trilha sonora e a interpelação direta dos alunos à câmera, que é feita de forma a provocar a empatia da audiência com os ocupantes dos movimentos e a comoção em nome de sua causa. A crise econômica e a precarização do ensino são sumarizadas nas figuras do governador, do secretário estadual de educação exonerado e de seu substituto referidos nas narrativas dos alunos. Inscrições nas paredes e em cartazes revelam os modos como os estudantes atribuem a essas autoridades valores e identidades. A indisposição contra esses três agentes individualizados sintetiza um mal-estar com as elites políticas, o alvo primordial dos protestos. Outros antagonistas são também trazidos aos discursos: enquanto os agentes policiais aparecem no texto como excessivos no uso da força, estudantes contrários ao movimento são apresentados como “sem argumento” e violentos, responsáveis por depredação ao patrimônio do colégio, em oposição aos alunos da ocupação, que aparecem se esmerando na sua conservação.

### **O movimento estudantil na tela da tevê**

Neste estudo buscou-se também compreender os processos de significação da cobertura televisiva sobre a crise na rede pública de educação no estado do Rio de Janeiro e o movimento Ocupa Escolas realizado de 21 de março a 22 de junho de 2016 no estado. O levantamento da produção telejornalística veiculada no período de ocupação das escolas foi feito por meio do *GloboPlay*, plataforma digital de vídeos criada pela

Rede Globo que reúne os conteúdos de gêneros televisivos distintos da programação da emissora. O percurso metodológico da análise televisual (BECKER, 2012) também aqui aplicado reuniu um estudo quantitativo e qualitativo de um *corpus* formado por 57 conteúdos telejornalísticos, em diferentes formatos e gêneros (matérias, *flash* ao vivo, notas, reportagens, comentários e entrevistas no estúdio), reunindo quase três horas de material audiovisual, distribuídos em oito telejornais espalhados pela grade da emissora e veiculados de 22 de março a 22 de junho de 2016. Esses conteúdos foram encontrados por meio da utilização de três palavras-chaves: ocupa; escolas; Rio de Janeiro. Focalizaram-se na análise 18 conteúdos referente à cobertura dos noticiários regionais *Bom dia Rio* e *RJTV 1ª* e *2ª* edição, totalizando 31,5% do material total coletado. Nessas reportagens e vídeos, o movimento Ocupa no Colégio Estadual Prefeito Mendes de Moraes está presente de forma direta ou indireta, sendo citado em imagens de arquivo ou em entrevistas. A estrutura narrativa e os formatos audiovisuais se diferenciam nas coberturas dos distintos telejornais ao longo da programação. O noticiário matutino *Bom Dia Rio* foi o que dedicou maior tempo à cobertura da crise na educação e produziu matérias com tempo médio de duração de três minutos, utilizando ainda *flashes* ao vivo das escolas ocupadas e participação de entrevistados no estúdio. Os telejornais da hora do almoço utilizaram matérias com um tempo menor de duração, com pouco mais de dois minutos, acompanhadas de comentários e atualizações no estúdio sobre o desenvolvimento das ocupações ao longo do período da manhã. Os noticiários da noite reeditaram as matérias com um tempo de duração menor do que os demais telejornais, gravadas com a voz do apresentador e por ele enunciadas no estúdio com informações atualizadas durante o dia, ilustradas ou não por imagens, ou seja, notas secas e cobertas. Os principais temas abordados foram: o início das ocupações no Colégio Mendes de Moraes e o desdobramento do movimen-

to que chegou a ocupar mais de 70 escolas no estado. Mas os telejornais também fizeram referência às reivindicações dos estudantes; ao dia a dia das ocupações; à greve dos professores; à negociação entre a Seeduc-RJ e os alunos; e à mudança de calendário escolar, com a antecipação das férias e as desocupações das escolas. Esses conteúdos em áudio e vídeo reuniram distintos enunciadores: estudantes a favor e contra as ocupações; membros da Seeduc-RJ, representantes do Sepe-RJ, professores, especialistas em educação, pais de estudantes, representantes da Defensoria Pública do Estado do Rio de Janeiro, e a juíza titular da 2ª Vara da Infância, da Juventude e do Idoso do Estado do Rio de Janeiro. Percebeu-se que a utilização de recursos gráficos nas produções analisadas é inexpressiva, já que foram utilizados em apenas três matérias. Na grande maioria das reportagens foram utilizadas imagens das fachadas dos colégios para ambientar e localizar o telespectador. Embora a entrada fosse proibida em algumas escolas pelos manifestantes, as matérias buscaram mostrar a movimentação dos alunos na organização das atividades dentro das escolas e os problemas com infraestrutura. A cobertura durou três meses e a utilização de imagens de arquivos foi recorrente. Outro aspecto que chama a atenção é a pouca utilização de conteúdos colaborativos na produção dos telejornais, em apenas nove das 57 matérias estudadas, as quais foram reproduzidas em diferentes matérias e noticiários da emissora.

Na análise qualitativa identificou-se que a cobertura telejornalística da ocupação do Mendes de Moraes é fragmentada no corpo das edições dos telejornais *Bom dia Rio* e *RJTV* 1ª e 2ª edição. Em março foram veiculadas nesses noticiários duas (2) matérias sobre o movimento, em abril sete (7), em maio oito (8) e em junho uma (1). Essas reportagens buscavam dar conta do imediatismo dos acontecimentos gerado pela ocupação e da maneira como o movimento era disseminado para outras escolas, buscando contextualizar as informações. Entretanto, a construção das notícias

e suas inserções no conjunto das matérias sobre a crise da educação no estado, não permitiam a compreensão do dia a dia da ocupação no Colégio Mendes de Moraes. A dramatização na cobertura se manifestou pelo destaque ao contínuo e crescente número de escolas ocupadas, uma vez que essas matérias foram apresentadas como capítulos de uma grande crise na educação, que se iniciou com a ocupação das escolas e que expôs, por meio da manifestação dos estudantes, as mazelas, os problemas gerenciais e o sucateamento do ensino público no estado. Neste estudo ainda conseguiu-se perceber as identidades e os valores sociais dos dois grupos de atores sociais que protagonizam o movimento Ocupa na tela da TV: os estudantes – jovens indignados com a precarização do ensino, que utilizam estratégias de “guerrilhas” ocupando as escolas como forma de serem ouvidos e ganharem visibilidade para terem suas reivindicações solucionadas – e o governo do estado do Rio de Janeiro – personificado pela Secretaria Estadual de Educação e seu agentes, que demonstram incapacidade de gerir e fiscalizar as instituições de educação.

### **Considerações Finais**

Os conteúdos e formatos audiovisuais publicados pelo movimento Ocupa despertaram sentimentos de pertencimento entre os jovens e a escola como espaço público, como bem comum, ressignificações da relação escola e comunidade, convocaram a participação dos responsáveis pelos estudantes e promoveram debates sobre os limites da ação do Estado em espaços públicos. Observa-se que a produção, a circulação e o consumo de informações se expandem para além das bordas das telas nas práticas políticas e culturais e manifestam uma tendência maior de consumo da informação pelos jovens estudantes a partir das redes sociais do que a partir do acesso a portais e sites jornalísticos das mídias tradicionais (MOHERDAUI, 2016).

Identificou-se que o desafio do jornalismo audiovisual como forma de conhecimento é conseguir incorporar



informações que circulam nas redes e canais que distribuem conteúdos e formatos em áudio e vídeo, como o *YouTube*, em suas narrativas, de modo que a diversidade e a pluralidade de pontos de vista possam emergir também das performances dos cidadãos, mais especificamente dos estudantes neste estudo de caso, e não apenas dos modos que os jornalistas organizam discursivamente os acontecimentos. O trabalho de curadoria dos depoimentos e conteúdos postados pelas pessoas nas redes e de análise dos acontecimentos mediante a leitura das intervenções de vozes distintas passa a ser cada vez mais necessário na prática de um Jornalismo não apenas sensível aos debates das redes, mas interessado em se reafirmar como forma de conhecimento relevante nas sociedades democráticas, o que implica rever determinados modelos de interpretação da realidade e reconhecer a autonomia do leitor-espectador-usuário em suas ações interpretativas e de engajamento no ambiente midiático digital na construção das narrativas audiovisuais sobre a experiência do cotidiano na atualidade.

Contudo, este estudo também revela que tanto os conteúdos e formatos em áudio e vídeo produzidos pelos cidadãos quanto pelos jornalistas oferecem informações que ajudam os indivíduos a organizarem suas ideias e a vida social, mas também criam visibilidades e subjetividades em suas enunciações que se manifestam como verdades sobre a realidade e nem sempre colaboram para concretizar as aspirações que impulsionam os movimentos sociais e, especialmente, as dos estudantes do Ensino Médio que têm participado do Ocupa.

Quatro meses depois da conclusão deste estudo apresentado no 14º Encontro da SBPJor, o relatório divulgado pela UBBES<sup>9</sup> em outubro de 2016, destacava que mais de mil escolas, além de 82 Universidades Federais estavam ocupadas em todo o país. De fato, o movimento dos estudantes do Ensino Médio ganhou força e se espalhou para outros estados brasileiros, promovendo mobilização e alcançando projeção nacional.

As reivindicações dos secundaristas receberam apoio e adesão dos estudantes universitários. As manifestações contra a medida provisória 746 e a Proposta de Emenda Constitucional 241/55, bem como contra a “Escola sem Partido” que visam, respectivamente, determinar uma reforma no Ensino Médio capaz de esvaziar a formação humanista; impor um teto para os gastos públicos, congelando as despesas do Governo Federal por até 20 anos baseada em orçamentos corrigidos apenas pela inflação e inibir a reflexão crítica, contribuíram para a grande repercussão do movimento dos estudantes do EM. A estudante Ana Júlia Pires Ribeiro, de 16 anos, tornou-se símbolo das manifestações, após discursar nas tribunas da Assembleia Legislativa do Paraná (ALEP), em Curitiba. O discurso da estudante em defesa da legitimidade do movimento de ocupação das escolas públicas no Brasil “viralizou” nas redes sociais sendo compartilhado e visualizado por milhares de brasileiros. Mas o movimento não sensibilizou o governo federal, nem mesmo para que o ENEM pudesse ser realizado sem qualquer transtorno para todos os inscritos.

Entretanto, o protagonismo juvenil se manifestou por meio da apropriação das tecnologias digitais, na criação e disseminação de conteúdos e formatos audiovisuais pelos participantes do Ocupa e na utilização das redes sociais. A cobertura jornalística nacional sobre o movimento também foi fator relevante para despertar nos estudantes sentimentos de pertencimento, integração e participação, ainda que manifestos em ações de resistência a relatos das mídias tradicionais. Tanto as reportagens da grande mídia quanto os áudios e vídeos publicados em ambientes virtuais criados pelos próprios estudantes, favoreceu a inclusão desses jovens nos processos de disputas políticas pela transformação da educação no Brasil.

Contudo, ao atualizarmos esse estudo em dezembro de 2016, identificamos que o movimento Ocupa das escolas secundaristas estaduais foi re-dimensionado em movimento de ocu-

<sup>9</sup> Fonte: site da União Brasileira do Estudantes Secundários (UBES), relatório disponível em <http://ubes.org.br/2016/ubes-divulga-lista-de-escolas-ocupadas-e-pautas-das-mobilizacoes/> Acesso 1º dez.2016.

pação de espaços públicos educacionais nacionais, sob ameaças de atuais políticas públicas governamentais e, inclusive, de ações violentas por parte de algumas autoridades. A politização desses jovens na defesa de seus interesses, articulada aos seus usos de tecnologias digitais, ofereceu pautas alternativas à mídia tradicional e visibilidade às suas aspirações. Mas se as trocas reais e simbólicas com integrantes e discursos de outros movimentos colaboraram para a projeção do movimento Ocupa dos secundaristas, também deslocaram a atenção da sociedade e dos próprios estudantes de suas reivindicações iniciais antes dedicados a pensar a “Escola como local de uma Educação de Qualidade”. Assim, nas escolas estaduais de todo o país, o movimento de ocupação se ramificou em duas direções distintas. Parte das escolas ainda segue o ideal de empoderamento e diálogo com as ocupações ocorridas na rede federal de ensino médio e de ensino superior, estabelecidos, especialmente, através de usos de mídias emergentes. Por outro lado, outra parte do movimento se esvaziou, abrindo espaço para a ascensão de novos atores sociais que passaram a disputar jogos políticos nem sempre próximos aos interesses e à essência do movimento dos estudantes do EM. Em algumas escolas os estudantes conseguiram algumas melhorias administrativas e alguns recursos, em outras, seis meses depois do início do movimento Ocupa, não há qualquer sinalização de recuperação do ambiente escolar, das condições de ensino e do ano letivo, sob um forte enrijecimento da atuação das autoridades locais e nacionais e uma diminuição do uso das redes sociais para mobilização dos alunos. No entanto, esta análise sobre os modos de produção, circulação e consumo de notícias em áudio e vídeo como prática sociocultural e política revela que os secundaristas conseguiram intervir na construção de experiências individuais e coletivas e provocaram inquietações sobre os rumos da Educação no país.

---

## Referências

- BECKER, Beatriz. Mídia, Telejornalismo e Educação. **Matrizes**: Revista do PPG em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo, São Paulo: ECA/USP, v. 10, n. 1, 2016.
- \_\_\_\_\_. Mídia e Jornalismo como formas de conhecimento: Uma metodologia para leitura crítica das narrativas jornalísticas audiovisuais. In: **Matrizes**: Revista do PPG em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo, São Paulo: USP, v. 5, n. 2, 2012.
- BECKER, Beatriz; MACHADO, Monica. Brasil entre as telas e as ruas: Produção e consumo das narrativas jornalísticas audiovisuais sobre os protestos nacionais de junho de 2013. In: **Discursos fotográficos**. Londrina: UEL, v. 10, n. 17, p. 39-60, jul./dez. 2014. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/view/19604/15720>>. Acesso em 25 jan. 2016.
- BELLONI, M. L. **O que é mídia-educação**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2005.
- COSTA, Antônio Carlos da. **Protagonismo Juvenil**: o que é e como praticá-lo. Salvador: Fundação Odebrecht, 2000.
- DELORS, Jacques. **Educação**: um tesouro a descobrir - Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. Tradução: José Carlos

Eufrázio. São Paulo: Cortez, 2012.

FANTIN, Monica. Do Mito de Sísifo ao Voo de Pégaso: as crianças, a formação de professores e a Estação Cultura. In: FANTIN, M.; GIRARDELLO, G. (Org.). **Liga, roda, clica**: estudos em mídia, cultura e infância. Campinas: Papirus, 2008.

FELDMAN, Ilana. O trabalho do Amador. In: Brasil, André; Morettin, Eduardo; Lissovsky, Mauricio (Org.). **Visualidades**, hoje. Salvador; Brasília: EDUFBA; COM-PÓS, 2013.

IBGE. **Síntese dos Indicadores Sociais**. Uma análise das condições de vida da população brasileira. Estudos e Pesquisas Informação Demográfica e Socioeconômica, n. 32, 2013. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv66777.pdf>>. Acesso em: 15 jul. 2016.

LIVINGSTONE, Sonia. **Young people and new media**. Londres: Sage, 2009.

MALINI, Fábio; ANTOUN, Henrique. **A internet e a rua**: Ciberativismo e mobilização nas redes sociais. Porto Alegre: Sulina, 2013.

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2005.

MOHERDAUI, Luciana. **Jornalismo Sem Manchete**, a implosão da página estática. São Paulo: Editora Senac, 2016.

RIVOLTELLA, Pier. Cesare. A Formação da consciência civil entre o real e o virtual. In: FANTIN, M.; GIRARDELLO, G. (Org.). **Liga, roda, clica**: estudos em mídia, cultura e infância. Campinas: Papirus, 2008.

SHIRKY, Clay. **A cultura da participação**: Criatividade e generosidade no mundo conectado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar: 2011.

TAYLOR, Charles, Multiculturalism and the Politics of Recognition. In : Gutmann, A. **Multiculturalism**: Examining the Politics of Recognition. Princeton: University Press, 1994.

UNESCO, site da. **Educação para a cidadania global**: preparando alunos para os desafios do século XXI. Brasília: UNESCO, 2015a. Disponível em: [http://www.unesco.org/new/pt/brasilia/about-this-office/single-view/news/global\\_citizenship\\_education\\_preparing\\_learners\\_for\\_the\\_challenges\\_of\\_the\\_21st\\_century\\_in\\_portuguese/#.V4kmJ\\_krKM8](http://www.unesco.org/new/pt/brasil/brasilia/about-this-office/single-view/news/global_citizenship_education_preparing_learners_for_the_challenges_of_the_21st_century_in_portuguese/#.V4kmJ_krKM8). Acesso em 15 jul. 2016.

UNESCO, site da. **Relatório de Monitoramento Global de EPT**. UNESCO: Brasília, 2015b. Disponível em: <http://www.unesco.org/new/pt/brasilia/education/education-for-all/>. Acesso 15 jul. 2016.